

A LINGUAGEM COMO ELEMENTO MEDIADOR DA IDENTIDADE EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS.¹

Carolina Duarte Damasceno

A presente comunicação se debruçará sobre um dos importantes alcances que os trechos metalingüísticos assumem em *Angústia*, de Graciliano Ramos (1936). A partir de alguns trechos desse romance em que se evidencia a relação conflituosa que o narrador-protagonista Luiz da Silva estabelece com a linguagem, serão esboçadas pontes entre seus constantes embates lingüísticos e descompassos maiores do personagem, vinculados com sua crise de identidade e seu desconforto no mundo.

Em um trecho de *Angústia*, Luiz da Silva, sentado num café, brinca com as letras dos anúncios escritos no espelho, formando novas palavras. Esse passatempo, possível metáfora do processo de escritura, inevitavelmente o faz ver sua imagem projetada entre as letras brancas. A justaposição entre as letras e o espelho, símbolo de uma relação que perpassa a narrativa, leva-o a uma reflexão que, por atrelar sua imagem e seus contornos de sujeito à linguagem, apresenta especial interesse para a questão aqui abordada. Quando observava o reflexo de seu rosto, procurando a origem de seus traços entre as linhas do anúncio, Luiz da Silva pondera que não precisa de automóveis nem de rádio, pois poderia se contentar com a casa de palha, a cama de varas e outros objetos que bastavam a seus avós, Quitéria e Trajano, e a seu pai, Camilo Pereira da Silva. Embora ele manifeste o desejo de se satisfazer com os anseios mais simples e imediatos de sua família de origem rural, sente que essa possibilidade inexistente, já que novos sonhos e ambições o impossibilitam de se identificar com seus modelos familiares. Buscando a

¹ Esse trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, financiada pela FAPESP, sobre a função da escrita em *Angústia*.

razão dessa impossibilidade, formula a seguinte pergunta, de cunho fortemente existencial, em que a linguagem escrita ocupa um lugar de destaque:

“Para que me habituei a ler papel impresso, a ouvir o rumor de linotipos? Desejaria calçar alpargatas, descansar numa rede armada no copiar, não ler nada ou ler inocentemente a história dos doze pares de França”. (p.158)

Na observação do protagonista, o hábito de ler papel impresso e o fato de não restringir suas leituras à história inocente dos reis da França, lida pelo pai, aparecem como empecilho para a retomada de aspirações genuínas e infantis, que não consegue sequer desejar plenamente (nesse sentido, a conjugação do verbo “desejar” no futuro do pretérito, ao invés de seu uso no presente do indicativo, é bastante revelador por mostrar como também o desejo, e não apenas sua realização, se apresenta como algo hipotético, remoto e condicionado). Assim, a literatura e a escrita parecem despontar nesse romance como grandes agentes transformadores, que se interpõem entre Luiz da Silva e seus antepassados, criando barreiras praticamente intransponíveis entre eles.

O distanciamento que as barreiras lingüísticas instauram entre o protagonista e suas origens têm alguns desdobramentos, refletindo-se inclusive na transfiguração ficcional do passado que ele emprega ao narrar sua história. Aqui será esboçado como a linguagem impede Luiz da Silva de se inserir em um grupo social, não conseguindo se identificar com o discurso beletrista do burguês Julião Tavares, seu duplo e rival, embora esteja irremediavelmente afastado da classe baixa, a que ele já pertenceu. O trecho transcrito a seguir, juntamente com o seguinte, visam pontuar e explicitar algumas das questões colocadas:

“Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se no balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que também era vagabundo, que tinha andado sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério (...). Eu estava ali como um repórter, colhendo impressões. Nenhuma simpatia. A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros”.
(p.114).

Ainda que Luiz da Silva adote os mesmos comportamentos dos vagabundos, não inspira confiança porque suas palavras, para eles sem significação, os separam, do mesmo modo que o apartaram de suas origens familiares. Seu passado de pedinte, a fome que passou ao chegar à cidade grande não estabelecem nenhuma possibilidade de comunicação ou identificação entre eles, já que sua história, graças à linguagem, se torna quase inverossímil. Por outro lado, o próprio narrador, ao se reportar aos livros para reconhecer a vida dos miseráveis, abdicando de se remeter à própria experiência de miséria que vivenciou, mostra como a literatura o afastou não apenas dos vagabundos, mas também de sua trajetória pessoal.

Após ter supostamente assassinado seu rival Julião Tavares, encontra mais um vagabundo, a quem acorda para pedir um cigarro. Ao agradecê-lo, alguns obstáculos lingüísticos voltam a transparecer:

“ - Muito obrigado. Sinto muito dar-lhe incômodo.

- Hem?

Esta exclamação mostrou-me que o homem havia percebido em mim um animal diferente dele. As luzes da Nordeste cochilavam. Olhei minha roupa. Estava imunda, com um rasgão no joelho, desarranjado. Mas usava palavras de gente bem vestida (p.201).

Esse episódio apresenta particular interesse, pois indica o lugar de destaque atribuído à forma de expressão lingüística nos fatores de identificação social. Embora Luiz da Silva esteja usando roupas rotas e ensangüentadas, podendo se identificar com homem que dormia na rua por sua aparência e vestimenta, um certa roupagem estilística o apresenta, aos olhos do outro, como um animal de espécie diferente, independente da soma que trás no bolso ou de sua função na sociedade.

As distâncias que a linguagem escrita e a leitura criam não o afastam apenas dos vagabundos, de quem se diferencia por outros aspectos, mas também de grupos menos marginalizados socialmente, dos quais, a princípio, o narrador, jornalista e funcionário público poderia se aproximar. No entanto, mesmo nos momentos em que os diálogos envolvem interlocutores de uma condição social aproximadamente similar, propiciando uma maior possibilidade de identificação, as experiências literárias instituem uma distinção forte a ponto fazer o narrador renunciar à tentativa de uma comunicação mais efetiva. Um dos casos em que embates dessa ordem ocorrem pode ser exemplificado pela conversa que entretém com o proprietário ou balconista de um bar de periferia:

“Inútil conversar com ele. Tenho lido muitos livros em línguas estrangeiras (...). Certas personagens de romance familiarizaram-se comigo. Apesar de serem de outras raças , viverem noutros continentes, estão perto de mim, mais perto que aquele homem de minha

raça, talvez meu parente, inquilino de um Dr. Gouveia, policiado pelos mesmos indivíduos que me policiam”. (p.167)

A diferença de concepção de mundo entre os dois, mais uma vez relacionada à literatura, é tão contundente que leva Luiz da Silva a se sentir mais próximo de personagens de romances estrangeiros que de seu conterrâneo, com quem divide pressões e problemas circunstanciais parecidos. Essa sensação de proximidade em relação a seres ficcionais mostra que a disparidade existente entre a língua materna e os idiomas estrangeiros é menor que o descompasso entre os modos de expressão que os separam, pois as frases de um são percebidas pelo outro com grande estranhamento, soando ainda mais estrangeiras e incompreensíveis. Por outro lado, a observação faz supor que os vínculos de Luiz da Silva com o mundo ficcional são mais fortes que aqueles que o ligam ao mundo real, relegado a segundo plano. Assim, os vagabundos devem ser transformados em personagens para serem reconhecidos, não obstante seu passado de pedinte, e suas leituras filtram suas relações, chegando até mesmo a afastá-lo de interações mais efetivas com sujeitos reais.

Segundo Bakhtin, as línguas dos grupos sociais representam seus respectivos pontos de vista, já que a linguagem está atrelada a uma determinada concepção de mundo. Essa proposição do teórico russo aumenta o alcance das disparidades que se colocam entre o protagonista e seus interlocutores: a diferenciação e os conseqüentes obstáculos que estabelecem entre eles não se restringem a diferenças de ordem lingüística, refletindo também aspectos sociais e existenciais. Portanto, quando Luiz da Silva abandona um determinado modo de expressão, desliga-se de uma concepção de mundo atrelada a essa língua.

O protagonista de *Angústia*, para Sônia Brayner, pertence a dois mundos, não conseguindo se identificar plenamente com nenhum. Esse descompasso existencial, como vem sido mostrado, está vinculado, de certa forma, à dificuldade de se filiar a uma prática discursiva. Em um primeiro momento, foi visto que a identificação com os vagabundos, pessoas de classe mais baixa e com seus familiares é bastante dificultada graças a obstáculos lingüísticos. Em uma segunda etapa, será abordado como se dá, através da linguagem, a relação do narrador e de Julião Tavares, outro pólo social e discursivo.

A imagem que Luiz da Silva fornece de Julião Tavares, burguês ocioso filho de negociantes de Secos e Molhados, é das mais negativas, já que ele conquista e engravida Marina, a noiva do narrador, abandonando-a em seguida. No entanto, o ódio que ele nutre em relação a Julião precede a rivalidade decorrente do triângulo amoroso, estando ligada também à classe a que pertence seu rival e a seu discurso beletrista. Luiz da Silva conhece seu inimigo em uma festa de arte no Instituto Histórico, antipatizando com ele de antemão, graças a sua gordura e sua fala patriótica e enfática. Descreve o personagem como um “sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor”, que tinha uma “linguagem arrevesada, muitos adjetivos, pensamento nenhum”². Até mesmo no momento em que o protagonista narra o assassinato que supostamente cometeu, refere-se à inutilidade da empáfia e das frases excessivamente adjetivadas de seu inimigo agonizante. Essa alusão, que leva Sônia Brayner a afirmar que Luiz da Silva, ao matar Julião, elimina com ele o discurso bacharelesco e vazio que repudia, vem confirmar a importância da caracterização lingüística dos personagens em *Angústia*. Esse tipo de caracterização está fortemente presente no conjunto da obra de Graciliano Ramos, em que um ou mais personagens, a exemplo de Evaristo Barroca (*Caetés*) e Gondim (*São Bernardo*), representam as formas vazias e

² Ramos, Graciliano. *Angústia*. 46 edição. Rio de Janeiro: Record, 1996. p.43.

convencionais do discurso bacharelesco, combatidas ironicamente pelos narradores. O diálogo de línguas dentro de seus romances instaura um processo metalingüístico com fortes implicações sociais e políticas, como aponta Marcelo Bulhões, já que a crítica às formas de expressão se traduz no questionamento mais amplo dos grupos que as empregam. Nesse sentido, a observação de Carlos Alberto dos Santos é bastante pertinente. Para o estudioso, tanto a gordura como a fala de Julião Tavares simbolizam sua inutilidade social, por serem tão excessivas e supérfluas como sua condição de burguês.

Em *Angústia*, os embates estilísticos muitas vezes desencadeiam discussões sobre a condição ou o lugar social atrelado a determinadas práticas de linguagem. Destarte, obstáculos se interpõem entre Luiz da Silva e Julião Tavares, cujo discurso, por representar a burguesia, torna-se irremediavelmente alvo de críticas do narrador. Se o questionamento de uma prática lingüística coloca em questão o lugar do falante na sociedade, é bastante instigante um trecho do romance em que o protagonista, jornalista e escritor, reflete sobre as conseqüências de uma possível revolução:

*“Quando houver uma reviravolta, utilizarão as minhas habilidades de escrevedor?
(...) E Julião Tavares, patriota e versejador? Para que serviria Julião Tavares?”* (p.158).

O paralelismo instaurado nesse fragmento é especialmente significativo, pois o papel que os dois personagens teriam em um quadro pós-revolucionário é discutido concomitantemente, como se não houvesse maiores distinções entre eles. O papel que Luiz da Silva, escritor e intelectual, desempenharia é posto à prova junto com o de Julião Tavares, ambos sendo caracterizados, nessa indagação, de forma pejorativa em relação à linguagem

(“escrevedor”, ao invés de escritor; “versejador” ao invés de poeta). Até que ponto a equiparação do narrador e de seu rival se dá por motivos de ordem lingüística?

O episódio do aborto de Marina sugere o esboço de uma possível resposta. Tendo seguido sua ex-noiva até um bairro miserável, onde ela foi abortar, depara-se com a frase “Proletários, uni-vos”, escrita a piche, sem vírgula nem hífen, sobre um muro qualquer. Embora Luiz da Silva tenha tentado amenizar o choque causado pela infração das normas gramaticais, argumentando para si que a mensagem estava clara mesmo com a omissão dos dois sinais gráficos, não consegue se convencer. Sua revolta com a frase mal escrita irrompe, revelando um aspecto importante de sua relação com a linguagem:

“Queriam fazer uma revolução sem vírgulas e sem traços? Numa revolução de tal ordem não haveria lugar para mim. Mas então?

- Um homem sapeca as pestanas, conhece literatura, colabora nos jornais, e isso não vale nada?” (p.164)

Luiz da Silva, indignado, conclui que não haveria lugar para ele em um mundo onde as normas gramaticais fossem deixadas de lado. Em tal revolução, qual seria o valor de alguém como ele, escritor e intelectual? Já foi visto que suas experiências literárias e lingüísticas o afastaram de suas origens familiares e de outros grupos sociais. Nesse fragmento, a diferenciação anteriormente estabelecida adquire sua forma mais contundente: o narrador mostra não apenas sua incapacidade de vencer as distâncias que a linguagem instaura entre ele e os outros, mas também seu apego às barreiras que os separam.

As considerações que Roland Barthes tece sobre a relação entre língua e poder são de grande valia para o prosseguimento da presente discussão. Para o teórico francês, as diversas

formas de poder se manifestam na língua, fazendo com, através da voz consciente do sujeito, transpareça a voz dominadora da estrutura, pois a linguagem é cúmplice de esferas culturais e sociais vigentes. Sob essa ótica, Luiz da Silva, ao não conseguir se desvincular de uma regra gramatical que prega vírgulas e hífen, mostra uma certa cumplicidade com grupos que almeja combater. Nesse sentido, o fato do narrador acreditar que, para as crianças do bairro, ele era “*uma das criaturas que dizem palavras compridas em discursos*”³, é especialmente significativo. Como as palavras rebuscadas e o discurso prolixo são características habitualmente atribuídas a Julião Tavares, essa analogia desencadeia algumas questões, que serão trabalhadas ao longo da pesquisa: até que ponto Luiz da Silva está mais próximo que seu rival das camadas mais populares? Como entender as ambigüidades de sua posição social, advindas de sua atividade intelectual e literária?

A condição dúbia do escritor, que simpatiza com os oprimidos embora não possa estar efetivamente ao seu lado, é, para Hermenegildo Bastos, um dos grandes temas da obra de Graciliano Ramos. Em *Angústia*, essa reflexão, que leva a incessantes indagações sobre o fazer literário, ganha destaque, fazendo com que a dimensão política do livro consista no questionamento da função do escritor e do intelectual em um país como o Brasil, onde a travessia entre as diversas línguas sociais é especialmente dificultada.

Bibliografia

- Abel, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- Barthes, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1989.

³ Idem, ibidem, p.165.

- Bastos, Hermenegildo. *Memórias do cárcere – Literatura e testemunho*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- Bakhtine, Mikhaïl. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978.
- Brayner, Sônia. “Graciliano Ramos e o romance trágico” in *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1977.
- Bulhões, Marcelo. *Literatura em campo minado – a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária brasileira*. São Paulo: Anna Blume: FAPESP, 1999
- Ramos, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.